

## **SABERES E FAZERES A PARTIR DE OFICINAS DE ARTE**

ELIETE FERNANDES MATIAS, UFPB, [elietefmatias@gmail.com](mailto:elietefmatias@gmail.com)  
**Formação de professores, complexidade e transdisciplinaridade**

### RESUMO:

Este trabalho propõe questões que articulam os campos da arte e da formação continuada para professores da disciplina Arte que atuam na educação infantil, quanto à produção e construção de conhecimentos a partir de oficinas de arte, foco de nossa pesquisa de mestrado nesta área, com o propósito de trazer contribuições para a reflexão sobre uma prática de formação continuada para professores na perspectiva de uma escola democrática, humanista e disseminadora de bens sociais e culturais. A partir do pensamento de Morin, Duarte Jr, Candau entre outros autores, discutiremos sobre a atuação do professor de arte nas creches municipais, educação estética, saberes e fazeres no contexto complexo e delicado que é a educação infantil. Esperamos contribuir com nossas reflexões para a construção de uma prática mais efetiva no campo da formação docente com vistas a uma ação transdisciplinar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação Continuada, Oficinas de arte, Educação infantil.

Como ponto de partida de nossas discussões falaremos sobre a inserção do professor Licenciado em Arte na educação infantil. Para isso recorreremos ao pensamento contemporâneo sobre Arte em seus seguintes aspectos: Arte como linguagem – com relação as expressões artísticas e sua fruição; Arte como expressão – refletindo a cultura, manifestações artísticas e experiências com a diversidade cultural do mundo; e Arte como produtora de conhecimento. Entendemos que essas dimensões da Arte devem fazer parte de um contínuo debate na formação continuada desses professores do ensino básico, por serem aspectos norteadores do trabalho educativo nas áreas de teatro, dança, artes visuais e música.

Nesse sentido compreendemos que o professor de Arte precisa ter conhecimento e vivência com a educação estética<sup>1</sup>, para contribuir com a construção do olhar estético e artístico no trabalho com crianças. Isso não quer dizer que o professor que não produzir ou consume produtos artísticos, seja incapaz de desenvolver um bom trabalho na escola, visto que a sensibilidade e a educação estética, segundo Duarte Jr. estão relacionadas ao entorno

---

<sup>1</sup> Educação estética talvez tenha a ver com um antigo mote da fenomenologia: voltar às coisas mesmas. Isto é: temos que partir do irredutível fato de sermos um corpo que procura sobreviver – com prazer e alegria – em meio aos perigos do mundo, e quando temos consciência de que somos capazes de enfrentar e até de tirar proveito dessas ameaças, um sentimento de espanto, de maravilhamento (vale dizer, de beleza) nos sobrevém. A partir de tal maravilhar-se, de tal espantar-se com as coisas e nossas relações primordiais com elas é que se podem então erigir todos os saberes. Duarte Jr (2012, p. 363)

social e cultural do indivíduo e não necessariamente aos ambientes de museus, teatros e galerias.

Afirma Duarte Jr. (2002, p.38):

Experiências as quais, diga-se logo, não se restringem a simples contemplação de obras de arte, seja ouvindo música, seja assistindo a teatro ou frequentando museus. Elas devem, sobretudo, principiar por uma relação dos sentidos com a realidade que se tem ao redor, composta por estímulos visuais, táteis, auditivos, olfativos e gustativos. Há um mundo natural e cultural ao redor que precisa ser frequentado com os sentidos atentos, ouvindo-se e vendo-se aquele pássaro, tocando-se este outro animal, sentindo-se o perfume de um jardim florido ou mesmo o cheiro da terra revolvida pelo jardineiro, provando-se um prato ainda desconhecido etc.

Assim o autor esclarece que a experiência estética tem como principal nascente a arte, porém pode ser ampliada para a contemplação dentro do universo cultural e social, nas mais diversas manifestações minimalistas.

Edgar Morin (2000, p.58/59) discute as possibilidades de uma educação que não considerando apenas o raciocínio lógico, mas as demais dimensões subjetivas do ser humano.

Esclarece o autor:

(...) o ser humano não só vive de racionalidade e de técnica; ele se desgasta, se entrega, se dedica a danças, transes, mitos, magias. (...) Por toda parte, uma atividade técnica, prática, intelectual testemunha a inteligência empírico-racional; em toda parte, festas, cerimônias, cultos com suas possessões, exaltações, desperdícios, "consumismos", testemunham o Homo ludens, poeticus, consumans, imaginarius, demens. As atividades de jogo, de festa, de ritos não são apenas pausas antes de retomar a vida prática ou o trabalho; as crenças nos deuses e nas ideias não podem ser reduzidas a ilusões ou superstições: possuem raízes que mergulham nas profundezas antropológicas. (...) Existe ao mesmo tempo unidade e dualidade entre Homo faber, Homo ludens, Homo sapiens e Homo demens. E, no ser humano, o desenvolvimento do conhecimento racional-empírico-técnico jamais anulou o conhecimento simbólico, mítico, mágico ou poético.

Morin propõe que no processo educativo devem ser trabalhadas todas as dimensões humanas sem hierarquizá-las, ou fragmentá-las. O autor compreende o ser humano dentro de sua complexidade, como indivíduo que se relacionam com o mundo a partir de aspectos racionais e irracionais, lógicos e desconexos, simbólicos e reais ao mesmo tempo.

Nesse contexto, torna-se inconcebível pensar uma educação que não contemple a sensibilidade e a estética desde à educação infantil, acreditando que a escola tem um papel

que deve ir além do lecionar, tendo o professor a função primordial de oferecer aos alunos as condições de desenvolver seus olhares, sensibilidades e senso crítico.

Entendemos ainda que o professor de Arte, a partir de sua formação é um profissional importante na educação infantil, que deve estar apto a oferecer em suas aulas os aspectos racional, técnico e metodológico, assim como os conhecimentos simbólico, mítico, mágico e poéticos que envolvem a produção e fruição da arte,

No entanto sabemos que a disciplina Arte esteve ao longo da história da educação infantil, relacionada a práticas e atividades entregues aos pedagogos ou professores com magistério. Esses profissionais sem formação em nenhuma das licenciaturas em Arte, tendo recebido apenas uma pequena base para a sistemática do ensino nessa área de conhecimento, por sua vez, se desdobravam em esforços para atender as demandas específicas das linguagens artísticas. Nessa realidade era comum perceber o ensino da arte de forma desconectada com seus objetivos específicos, servindo apenas como elemento secundário na aprendizagem das crianças.

Atualmente esse quadro vem se modificando, pela luta da classe de professores licenciados em arte, e em função do que estabelece o artigo 22 §2º da LDB, alterado em junho de 2010 que diz: “O ensino das artes especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis de ensino da educação básica de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.”

Essa assertiva está contida também nos RCNEI (1998) e demais documentos oficiais que estabelecem em âmbito nacional as diretrizes da Educação infantil, que reafirmam em sua proposta de currículo a importância da arte como meio de contribuir na construção do conhecimento e saberes das crianças. Cabe ao educador artístico lançar um olhar reflexivo e sensível sobre a infância, relacionando os saberes da cultura desses sujeitos com as complexidades e necessidades de seu tempo. Pressupomos ainda, que na aprendizagem e na criação de produtos artísticos e culturais, pode residir a base daquilo que, mais tarde, poderá permitir à criança aprendizagens mais elaboradas.

Entendemos assim que é preciso integrar os conhecimentos próprios da arte com as experiências dos alunos para promover e mediar vivências enriquecedoras na escola. Portanto, uma formação continuada de professores nessa perspectiva deve também pensar nesse profissional como sujeitos que necessita de atenção e apoio pedagógico constante, visto

que trabalham com pessoas em formação, estando expostos às adversidades e conflitos presentes no meio profissional e social.

De acordo com Oliveira (2002, p. 82):

A inclusão da creche no sistema de ensino requer investimentos em educação permanente e nas condições de trabalho de seus educadores. Requer ainda repensar o modelo internalizado pelos educadores sobre o que é uma instituição escolar para a faixa etária de 0 a 6 anos. (...) a creche envolve novas concepções de espaço físico, nova organização de atividades e o repensar rotinas e, especialmente, modificar a relação educador-criança e a relação creche-família.

O reconhecimento dessas necessidades, na leitura de Oliveira (2002) indica um repensar dos direitos das crianças em receberem atenção educacional especializada nas creches, assim como a terem acesso aos processos formativos que as conduzam a uma participação efetiva na sociedade.

### **Formação continuada para professores de arte**

A formação continuada ofertada aos professores de arte do ensino básico deve trazer a proposta de refletir, quão importante é o trabalho com arte para proporcionar espaços de protagonismo, momentos de fruição, de estímulo à capacidade sensíveis e criativas dos indivíduos no âmbito da educação escolar.

Para tanto, torna-se necessário que sejam propiciados ao professor, espaços de discussão e vivências relacionadas também a ampliação de seu repertório de experiências estéticas e artísticas, enquanto ser cultural e fruidor de Arte. Compreendemos ainda a necessita de ser oferecido para a formação continuada desses profissionais, conhecimentos e ações tanto no que diz respeito ao resgate de sua expressão em linguagens artísticas, quanto ao acesso ao conhecimento sobre Arte, cultura e ensino da Arte. Sabemos que o professor é um profissional que diariamente lida com indivíduos que tem seus desejos, necessidades, diferentes linguagens e modos de ver e viver no mundo que devem ser respeitados.

A formação continuada também deve ser pensada como forma de aproximar o professor dos bens e da criação cultural, como experiências que instiguem a curiosidade e a criatividade desse profissional para que ele possa levá-las para a sala de aula. Consideramos ainda que devem ser incluídos os temas dos saberes e fazeres das expressões culturais populares e tradicionais como: danças, folguedos, artesanato, canções, cantigas, brinquedos

e brincadeira tradicionais. Também é importante destacar o reconhecimento das tradições religiosas, de linguagens, comportamento, alimentação e vestuário dos indivíduos, já que o professor lida diretamente com a diversidade cultural e étnica dos alunos na escola.

Sendo assim, entendemos que o professor de arte em sua formação continuada deve ser chamado a refletir sobre a rede de saberes e fazeres que torna a existência humana tão complexa e instigante. Sabendo que esse professor também está envolvido nessa gama de influências culturais, sociais, religiosas, políticas e psíquicas que podem influenciar em sua relação e atuação profissional. A esse respeito discorre Edgar Morin em seu livro (2000, p.15)

O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos.

A fragmentação dos saberes em forma de disciplina nas escolas e a ignorância que impede de nos percebermos como parte de um todo que é a humanidade, é tratada por esse autor como entrave para que ocorra a aprendizagem significativa. O autor propõe uma postura transdisciplinar, com uma visão global e planetária, sugerindo uma educação integral, onde o aluno aprende a pensar, a transformar as informações que recebe em conhecimento significativo para a partir disso se tornar um cidadão do mundo, crítico criativo e consciente seu papel social.

Pressupomos dessa forma, que o desenvolvimento de oficinas<sup>2</sup> de arte para a formação continuada para os professores de arte que atuam na educação infantil em creches municipais, possam possibilitar uma articulação entre as suas experiências nas oficinas com o aprimoramento de suas práticas no contexto escolar. Visto que, diferente de seminários, palestras e aulas tradicionais, as oficinas pedagógicas despontam como espaços de construção de saberes de forma coletiva e integrada podendo trazer propostas de envolver a arte e a educação estética, o que deve potencializar o seu alcance ampliando os resultados.

A respeito das possibilidades educativas das oficinas, diz Candau em seu texto “Oficinas Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos” (1999):

---

<sup>2</sup> Oficinas pedagógicas proporcionam a “(...) construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências” (CANDAUI, 1999, p.23)

As oficinas são espaços de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências, de exercício concreto dos direitos humanos. A atividade, a participação, a socialização da palavra, a vivência de situações concretas através de sócio dramas, a análise de acontecimentos, a leitura e discussão de textos, a realização de vídeo debates, o trabalho com diferentes expressões da cultura popular, etc., são elementos presentes na dinâmica das oficinas

Assim como a autora, acreditamos que oficinas pedagógicas podem ser espaços democráticos e solidários de troca de saberes, compreendendo que a descontração e a abertura de diálogos acerca de si e do outro, exercícios de teatro, jogos, produção de material artístico e cultural podem levar os professores a uma reflexão a respeito de suas posturas no seu trabalho, nas suas relações pessoais e na sua vida de forma geral.

Em outro momento Candau (1995) no “Texto da Rede Nacional de Direitos Humanos” afirma que “a oficina é uma metodologia de trabalho que prevê a formação coletiva. Ela prevê momentos de interação e troca de saberes a partir de uma horizontalidade na construção do saber inacabado.” Aqui a autora acredita no potencial de mudança no contexto das oficinas pedagógicas, sendo uma ação educativa adequada a qualquer profissional de qualquer nível sociocultural.

As oficinas são normalmente momentos de encontro, descontração e dinâmicas. É possível iniciar sempre com uma acolhida, alongamentos, exercícios de respiração e consciência corporal, facilitando o autoconhecimento e a integração dos participantes. Também podem haver temas para reflexão individual e coletiva possibilitam um processo educativo composto de sensibilização, compreensão, reflexão, análise, ação, avaliação através da arte.

As oficinas pedagógicas são espaços de experimentação, produção e construção, onde os saberes são produzidos antes, durante e após o processo formativo. Essas oficinas podem proporcionar aos professores, ainda, o aprofundamento de reflexões sobre suas práticas docentes, espaços de criação, diálogo e troca de experiência para ampliar seus repertórios crítico, criativo e sensível.

### **As oficinas de Arte**

As oficinas de Arte para a formação continuada dos profissionais da educação infantil podem dar profundidade à concepção de que educar e cuidar são indissociáveis. De acordo

com as ideias do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil esses dois objetivos são a mola mestra de todo trabalho na creche:

Propiciar situações de cuidado, brincadeira e aprendizagens orientadas de forma que possa contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança e o acesso pela criança aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (BRASIL, 1998a, p.23).

Nesse trecho dos RCNEIs fica clara a ideia da dupla função da Educação Infantil que é: Educar e Cuidar simultaneamente e constantemente, sendo os profissionais da creche os agentes dessa ação. Pois sabemos que na infância não há tempo, nem espaço determinado para a descoberta e a brincadeira, assim como no ato mais cotidiano realizado pela criança, dar-se o aprendizado. Da mesma forma, entendemos que não há um conteúdo pedagógico na creche desvinculado do gesto de cuidar. Sendo assim, o cuidado com as necessidades básicas da criança é parte integrante da educação, embora a ação de educar possa exigir conhecimentos, habilidades e instrumentos próprios da dimensão pedagógica.

Percebemos essa dicotomia no cotidiano das creches em atividades com as crianças, que a todo momento requer cuidado e esse cuidar levará a uma ação educativa e formativa. (BRASIL, 1998, p.25): "O cuidado precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo". Porém, se não houver profissionais preparados para essa dupla ação, conscientes e instigados a interagir com a criança, provavelmente estarão sendo geradas nessas escolas, distorções no comportamento, na autoestima e na autonomia das crianças atendidas.

Pensando assim, deduzimos que toda rotina da escola infantil requer profissionais capacitados e ativos, com planejamentos abertos e dinâmicos, considerando as diferentes realidades socioculturais, etapas do desenvolvimento e de faixas etárias, de modo a contribuir para a formação de indivíduos críticos, reflexivos, sensíveis, criativos e solidários.

Nesse sentido, discutiremos a formação continuada dos profissionais das creches sem restringi-la ao pedagógico, e procurando entender aqueles a que se destinam as oficinas de arte para além de sua condição de profissionais, pensando nesses indivíduos como pessoas, cidadãos, produtores de história e fruto da cultura. Compreendendo e considerando ainda

que alguns desses indivíduos, podem não ter tido oportunidade de viver intensamente sua infância, sendo esse um possível fator gerador de alguns comportamentos inadequados com as crianças.

Nesse contexto as oficinas de arte destinadas aos profissionais das creches municipais devem levar em consideração a proposta de cuidar e educar também para esses sujeitos, tendo como formadores, professores que compreendam a importância de uma escuta ativa, um olhar carinho, assim como a interação da arte em todas suas linguagens.

É possível propiciar na oficina de arte momento de fruição e de produção artística, onde os profissionais das creches possam ao mergulhar no universo da arte e se expressar através de seus materiais e linguagens, ser iniciados num pensamento e ação mais estética e crítica de seu entorno cultura.

É desafiador poder pensar a formação desses indivíduos de forma ampla e não apenas apresentando formas e técnicas de lidar com o universo infantil, como se a infância fosse cristalizada no tempo. Esta é uma oportunidade possível e imprescindível para a educação infantil. Sobre esse aspecto Dias (2009, p.165), nos indica que:

Neste sentido, formar não é apenas dar forma a, mas envolve também estratégias de estranhamento de políticas de cognição cristalizadas para dar lugar a outros modos de relação com o mundo, com pessoas, consigo mesmo, com aprender e com conhecer.

A autora acredita que essa estrutura de formação continuada através de oficinas, promove espaço de criação e de elaboração de si e do outro, quando o pensamento pode se corporalizar numa estrutura concreta ou abstrata, coletiva e ao mesmo tempo com traços de subjetividade, já que cada um é convidado a construir uma nova realidade, uma forma diferente de agir e interagir.

Dias ainda nos traz a ideia de uma nova perspectiva de cognição, onde possa se promover o autoconhecimento e a experiência criativa e inventiva do sujeito e do mundo.

Diz a autora:

Cognição, nesta perspectiva, não é um domínio de representações, mas um domínio emergente e experiencial do si e do mundo. As relações entre o si e o mundo se constituem permeável às múltiplas perturbações, cujos efeitos não são antecipáveis. A ação vincula-se em larga medida as contingências de improvisação



e se dá na experiência, ocorrendo, no entanto, uma redefinição permanente do que importa fazer. (Dias, 2009, p. 172).

Compreendemos que a autora vê possibilidades amplas de aquisição de conhecimento e de autoconhecimento, quando se desconstrói as formas usuais de agir (atuar) no mundo. Nesse modelo de formação inventiva, os indivíduos são convidados a inventar uma nova forma e novas composições, numa proposta de quebrar regras, de estranheza e inventividade. Esse conceito de formação propõe a invenção de problemas, e de acordo com a autora, é um modelo que “gera experiências, pequenas invenções, e não uma prescrição metodológica replicável”. (Idem, p.173).

A partir dessa proposta podemos estruturar uma formação continuada para os profissionais das creches, constituída de oficinas de arte onde esses indivíduos possam experimentar e inventar novas forma de interagir com materiais artísticos, com linguagens artísticas, com seu próprio corpo, com o outro e dentro do espaço da escola.

Acreditamos que as oficinas de arte poderão ampliar os horizontes desses profissionais que lidam diariamente com crianças, curiosas e inventivas, que muitas vezes são introduzidas no mundo dos adultos de forma violenta e arbitrária. Certamente esse exercício poderá levar esses profissionais a uma reflexão e uma postura de alteridade diante das crianças nas creches.

Conseguimos aplicar essa metodologia a partir de uma oficina de jogos dramáticos e teatrais, dentro de um grupo de professores, composto por 13 professores de Arte e 12 de Educação Física que atuam em creches municipais de João Pessoa/PB. Essa oficina deu oportunidade de sistematizar os recursos pessoais dos professores, suas posturas corporais, vocais, os relacionamentos em grupo, favorecendo assim maiores possibilidades de atuação crítica e criativa na escola.

Percebemos ainda, que como ação educativa a oficina de jogos dramáticos e teatrais funcionou como um lugar de convergência de ideias e reflexões, nem tanto pelos jogos que foram vivenciados, pois esses estão disponíveis facilmente em livros e sites na internet, mas pela oportunidade de experimentá-los contextualizando e inventando novas formas de jogar e de atuação na educação infantil.

Verificamos que, como metodologia essas oficinas pedagógicas podem se constituir num espaço transdisciplinar, proporcionando momentos construtivos e colaborativos,

envolvendo conhecimentos diversos e relações humanas diversas dentro de um espaço democrático. Portanto a formação continuada para professores ocorre dentro de um ambiente educativo, onde todos se integram num processo contínuo de avaliação e autoavaliação, construção e desconstrução, emoção e racionalidade.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Atualizada em 19/03/2015. Edição: 11Ano: 2015 Páginas: 46
- , 1997.126p.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil - Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v: il.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil /Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.
- \_\_\_\_\_. Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil. /MEC/SEF/COEDI - Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI,1994. 92t. BARRETO, Angela Maria Rabelo. Por que é para que uma Política de Formação do Profissional de Educação Infantil?
- CANDAU, Vera Maria et al. Oficinas pedagógicas de direitos humanos. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- \_\_\_\_\_. Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: UMA PROPOSTA DE TRABALHO1.Novameria/PUC-Rio – 1999 Texto da Rede Nacional de Direitos Humanos, disponível no site da DHNET, no endereço [http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau\\_edh\\_proposta\\_trabalho.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau_edh_proposta_trabalho.pdf)
- DIAS, Rosimeri de Oliveira. Formação Inventiva de Professores e Políticas de Cognição. Informática na Educação: teoria & prática, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 164-174, jul./dez. 2009. Disponível em: [file:///C:/Users/artef7/Downloads/9313-41759-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/artef7/Downloads/9313-41759-1-PB%20(3).pdf) – Acessado em 12 de novembro de 2015.
- DUARTE JUNIOR, João-Francisco. Educação Estética, ou a educação (do) sensível. In. Anais do 16º Seminário Nacional de Arte e Educação. FUNDARTE/RS. Outubro de 2002.
- \_\_\_\_\_. Revista Contrapontos - Eletrônica, Vol. 12 - n. 3 - p. 362-367 / set-dez 2012. João Francisco Duarte Júnior – Entrevista.
- MORIN, Edgar. Os setes saberes necessários à Educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2000.
- OLIVEIRA. S. M. L. O. A legislação e as políticas para a educação infantil: avanços, vazios e desvios. In: MACHADO. M. L. A. Encontros e desencontros em educação infantil. São Paulo: Cortez, 2002.